

Novela desapareceu do processo

Yellow Cake, a novela póstuma de Alexandre von Baumgarten, sumiu do processo aberto para investigar a sua morte. O desaparecimento se deu, "provavelmente no eixo entre a Delegacia de Homicídios e o 1º Tribunal do Júri", segundo revelou o Procurador da 2ª Câmara Criminal Vitor André do Soveral Junqueira Ayres.

Foi o promotor titular do 1º Tribunal do Júri, Boni dos Santos, quem comunicou o fato ao procurador. A novela, que aborda uma suposta trama que culmina com uma exportação secreta de urânio para o Iraque, foi anexada ao processo ainda em sua fase de inquérito policial na 16ª Delegacia: "É impressionante como a trama da novela se parece com a do caso Capemi", observou o procurador Junqueira Ayres.

Yellow Cake (bolo amarelo) é o nome dado ao urânio limpo de impurezas, uma das fases para a sua transformação em combustível nuclear. De suas 84 laudas originais, 14 já estavam sumidas, mesmo antes de serem anexadas ao então inquérito. Elas se referem à explosão do Riocentro, em 1º de maio de 81, segundo informações obtidas pelo procurador.

A trama central refere-se a uma operação

denunciada pelo **O Estado de S. Paulo**, em 1981: o Brasil teria vendido secretamente urânio para o Iraque, fato desmentido oficialmente. Parte da imprensa, na época, interpretou, no entanto, a informação como notícia falsa espalhada pelo Serviço Secreto de Israel (**Mossad**) para justificar a destruição do reator nuclear iraquiano em 17 de junho de 81.

O Coronel Ary Pereira de Carvalho, então chefe de operações da Agência Central do SNI aparece na novela avisando ao General Otávio Medeiros (na época Ministro-Chefe do SNI) que a Operação **Yellow Cake** já havia sido detonada. O coronel, que é chamado de **Aryzinho** em **Yellow Cake**, também aparece no dossiê póstumo de Alexandre Von Baumgarten acusado de ter ligações com o jogo do bicho.

Entre os mais de 40 nomes citados na novela aparecem os Generais Otávio Medeiros (citado como agente do Mossad) — na versão de Baumgarten a operação foi induzida por Israel para justificar a destruição do reator iraquiano — Ademar Messias de Aragão (então presidente da Capemi), além do Coronel Serguei Golg (chefe do Mossad), e de Paulo Maluf, que teria sido usado como intermediário, nas negociações.